

Política de terra arrasada

Milhares de aldeias do sudeste da Turquia são destruídas pelo exército, sob a acusação de abastecerem os guerrilheiros curdos

O exército turco já arrasou mais de 1.800 aldeias da região sudeste da Turquia, a mais atingida pela guerra, em uma tentativa de acabar com o apoio e o abastecimento de armas e víveres para os guerrilheiros do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK). Um das vítimas da repressão é Ali Akyol, de 64 anos, que, segundo o governo turco, é “um simpatizante dos terroristas”. Por causa dessa acusação, Ali agora também é uma pessoa sem lar, mais um entre os milhares de expulsos da região em conflito.

“Meus antepassados lutaram pela guerra de libertação (após a Segunda Guerra Mundial). Essa terra, de onde estamos sendo expulsos, é nossa!”, se lamenta Ali. Seu vizinho e ele, ambos da aldeia de Akkus – na província de Elazig, situada a sudeste do país – foram obrigados a abandonar seus lares. De uma hora para outra, os habitantes da aldeia receberam a ordem de empacotar suas coisas e ir embora. “Eu perguntei o porquê e o soldado me disse que era porque estávamos dando refúgio ao PKK”, conta Ali.

Um grupo de 100 moradores de Akkus se mudou para os subúrbios de Estambul, a capital turca, para buscar refúgio com parentes. “A maioria dos 5 mil moradores de Akkus não encontrou ainda um lugar para ficar. Estão dormindo em estábulos ou depósitos”, denuncia Ali, o porta-voz do grupo. “São tão pobres e indefesos que não podem viajar para nenhum outro lugar e colocar em risco suas vidas, porque não existe nenhum tipo de segurança na zona. As autoridades só permitem que permaneçam nas aldeias os que estão dispostos a lutar contra o PKK, e esta é



Tropas turcas: a ordem é arrasar as aldeias que supostamente ajudem os guerrilheiros curdos

uma decisão perigosa, que pode custar suas vidas”, explica.

Perseguição religiosa – Ironicamente, os “Akyolos” – todos os habitantes de Akyol têm o mesmo sobrenome – não são curdos. “Somos 100% turcos, autênticos turcos da Ásia Central. Nós, os antepassados conquistaram a Anatólia”, garante Ali. “Mas temos um ‘defeito’: somos alevitas”.

Os alevitas, uma seita muçulmana heterodoxa, foram incluídos na lista de inimigos do Estado turco depois que seus líderes exigiram o reconhecimento oficial de sua identidade cultural.

Os alevitas são muçulmanos xiitas turcos que, devido à sua religião, misturaram crenças animistas e tradições democráticas das tribos turcomanas do século XI com os princípios do Islã. Porém, têm uma interpretação muito mais livre do Corão que os xiitas do Oriente Médio e Ásia ocidental e, mais ainda, em relação aos muçulmanos sunitas que predominam entre os turcos e a população curda da Turquia.

Desde que a minoria curda começou a reclamar sua independência, o governo turco se tornou muito sensível às reivindicações dos subgrupos culturais. “O exército queimou meu moinho, nossas hortas e bosques”, disse Sahverdi Akyol, um ancião da região de Karakocan. Pelo menos cinco vezes foi revistado quando ia para o distrito da aldeia. “Passei horas explicando que os dois quilos de açúcar que levava em uma sacola eram para minha família e não para o PKK”, conta.

Para evitar que os habitantes da localidade alimentem os guerrilheiros curdos, as autoridades restringem o fornecimento de alimentos. “Em nossa região, tínhamos dinheiro e terras, mas o exército limitava o que comíamos”, revelou Metin Akyol, um agricultor de 27 anos. “Em Estambul ninguém nos limita, mas em compensação não temos nem dinheiro, nem trabalho. Vivemos em um miserável cortiço, cujo aluguel é pago por meus parentes”.

(Nadire Mater)